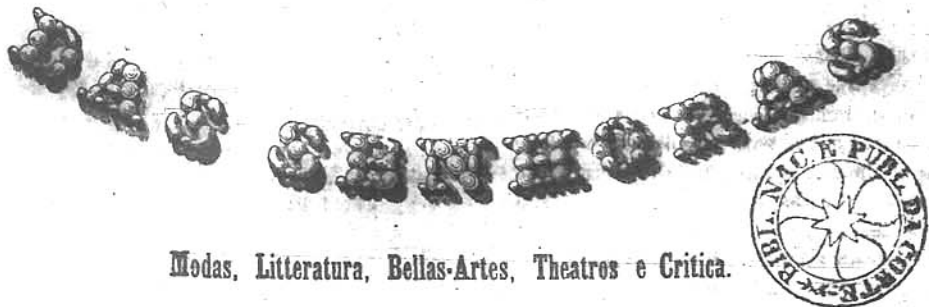


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Nossas assignantes por sua bondade relevarão que interrompamos hoje a ordem das publicações do nosso jornal, offerecendo-lhes de preferencia a ultima pagina de musica da linda SCHOTTISCH, composta pelo Sr. Stokmeyer Junior, da qual haviamos publicado no fim do mez passado a sua primeira pagina. O nosso dever seria darmos uma estampa de figurinos com este numero, mas os empenhos de muitas das nossas mesmas assignantes têm sido tantos para obterem já a musica completa da SCHOTTISCH, que resolvemos apresental-a neste domingo em lugar de ser no fim do mez, e dar então figurinos em todos os mais domingos que se seguem até o fim de novembro. Persuadimo-nos que esta justa preferencia merecerá a vossa indulgencia, a que resorremos com toda a dedicacão, que vos consagra

A Redactora em chefe.—

A MULHER perante Deus e o mundo.

(Continuação.)

XII.

Estamos pois no periodo em que a verdade de Deus veio, por meio da sabia philosophia de Jesus-Christo, *emancipar* a humanidade. Parecia que tudo tinha chegado ao auge da necessidade; e oñ a humanidade ficaria para sempre perdida no meio dos seus erros, ou seria vencida pelo espirito elevado de um homem, cuja santidade tem na terra um nome entrelaçado em coróas de seculos.

Com a redempção do homem, parece ser consecutiva a redempção da mulher; pois que ella, A MÃI DA HUMANIDADE, sem haver reclamado os seus direitos, tinha em Maria, a humilde, a advogada que pedisse, mas supplicando, que mandasse, mas rogando, o lugar de verdadeira mãi.

O mundo sorria-se no seio da mãi christã; a mãi christã formava de seus filhos uma familia, que resava diante da cruz, depois de explicar-lhe ella o admiravel LIVRO DA CARIDADE.

Então é que os homens começaram a sentir o quanto era a mulher digna de adoração; porque nos debates da religião pagã com a christã appareção de dia em dia virgens apresentando seu corpo immaculado, ou ao fogo, ou ao cutelo do algoz. Morrião em sua fé; e os seculos que vierão designarão-nas como santas—que é precisamente desse singularissimo composto de martyrio, que o catholicismo formou a grinalda religiosamente artistica, com que os seus templos são coroados.

Já a terra se harmonisava com os cantos dos psalmos, já ella, ataviada com galas simples, parecia ver no sol que se levantava uma cruz dourada com o seu CRUCIFICADO, indicando assim ao mundo inteiro que era para elle christão; já a mulher revestida do seu divino sacerdocio embalava o filhinho com cantos do Céu, tão simples como a alma pura do innocente, e ia depois cuidar naquillo que se chama *familia*; já o homem de braços cruzados, em pé, á porta feliz da sua casinha, contemplava o quadro mimoso da sua vida repartida ali, e abençoava com o trabalho a sua industria, que os homens alimentavão no seu seio; alguns começavão a desconhecer a verdade desta simplicidade santa, e imaginavão novas reformas, novos erros.

O homem é incorrigivel; cahe no erro mil vezes, e mil vezes o Criador lhe aponta o verdadeiro caminho.

Tudo se exagera, mesmo o pensamento o mais divino; por isso, á proporção que marchava a sociedade para o progresso, novas cabeças não contentes com o que já havia, cahião de erro em erro, de exageração em exageração, e conseguirão dar uma nova forma ás santas instituições, que collocava a mulher a par do homem, com o que satisfeitos devião estar. Esses entusiastas, homens incapazes da persistencia, não quizerão ver na mulher mais essa santa companheira, essa irmã de Maria, simples e humilde; mas elevavão-na a um mundo, onde ella não podia viver, por que era um mundo de incertezas e de escura poesia; ora, a mulher é filha do christianismo, que é o sol das crenças, que é a verdadeira luz, ella ama mais a luz, e por isso não poderia viver no mundo mentiroso de alguns poetas; por isso a veneração que se lhe tributava no século de que fallamos, era uma veneração precavel, que o espirito de familia, por verdadeiramente real, mostrava a impossibilidade de possuil-a.

Achamo-nos no palco façanhoso da meia idade.

Era a época entre a guerra da cruz e da meia lua.

Entre christãos e mahometanos.

XIII.

Tudo quanto o espirito humano pôde fantasiar de fabuloso, de grande e de extravagante, achase esculpido nos porticos gothicos desse tempo.

A cruz era levada no meio dos soldados; e assim tinha a divisa da humanidade chegada a se salpicar de sangue de batalha!—Fazia-se a cathequese, não por meio da doce persuasão evangelica, mas com a espada em punho. Mandava-se, não se pedia.

Poderá haver alguma cousa onde esteja a verdade misturada tão heroica, tão poeticamente com os erros e abusos?!

Por isso intitula-se este o periodo—*maravilhoso*.

E já que a cruz servia para a batalha sangui-nolenta, a mulher, que é, depois da cruz, o symbolo tambem do christianismo, assistia aos ensanguentados torneios, para ao depois da liça, ir premiar com tremula mão o guerreiro apregoadado pelos seus feitos.

Eis pois a mulher guerreira.

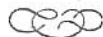
Os homens cantavão-lhe hymnos, mas como se ellas participassem tambem das suas armaduras; de forma que em lugar de se continuar na sua EMANCIPAÇÃO CHRISTA, era ella ao contrario posta na sensual dependencia de um amor romantico, extravagante, e incapaz de formar uma mãe.

Os homens forão sempre cegos, por isso que elles sempre cuidarão pouco na educação que faz o homem pensar.

Elles não concebião, que a sua companheira, não deveria ser igual á uma escrava estúpida e sensual, não; davão o exemplo pernicioso com uma vida cheia de inconvenientes e perigos; e com uma tal vida, não se pôde formar uma familia, que tem tanta necessidade de uma mãe, como do seu companheiro.

De certo não era aquella vida errante e perigosa, que convinha á educação do coração da mulher.

Continua.



O PASSARINHO MIMOSO.

Em um bello dia do inverno passado andava eu passeando pelo Jardim das Plantas. A neve

cubria a terra, e as arvores com as folhas empoadas, parecião *petits-maitres* do tempo da re-gencia. Pouca gente passeava pelas vastas alamedas, e o sol pallido que difficilmente atravessava um véo espesso de vapor, não aquecia a natureza silenciosa.

Eu errava ao acaso por um dos logares mais desviados do Jardim, quando uma linda scena attraheu minha attenção. Um rapaz de 12 a 13 annos, bem feito e de luto rigoroso, tinha arre-dado a neve em um pequeno espaço, e divertia-se em atirar algumas migalhas de pão aos pas-saros da vizinhança. Por detraz um criado velho de libré parecia estar tomando cuidado nelle, e carregava o capote que o moço tinha largado para não espantar seus protegidos.

Muitos passaros galantes tinhão vindo a este pequenô banquete. Os pardaes tão familiares e tão gulosos disputavão entre si os maiores bocados com um gorgueio continuo; os cardeaes descião timidamente do cimo dos castanheiros para tomarem parte na festa; os melharucos chegavão uns após de outros, e carregavão para as moitas mais solitarias a migalha que apanha-vão na passagem; e todos estes engraçados ani-maesinhos cantavão, chilravão, como para agra-decer seu bemfeitor.

O rapaz considerava com viva expressão de alegria estes deliciosos brinquedos dos passari-nhos; seguia com a vista aos que parecião mais tímidos e se conservavão separados; atirava-lhes o pão sem espantal-os, e sorria-se com candura quando elles conseguião subtrahil-o á voracida-de dos mais fortes e mais atrevidos. Cheguei-me tambem, e reparti com os pobres esfaimados um pastel que havia comprado. O rapaz agradeceu-me com um sorriso.

— Infelizes criaturas, disse-me, não encon-trão alimento nesta terra de neve: deve-se ter dó dellas.

— Gostais muito de passaros? perguntei-lhe com interesse.

— Oh! sim, respondeu-me voltando os olhos como para occultar uma lagrima, principalmente dos melharucos.

Compreendi que havia nesta affeição alguma historia dolorosa, e parecia-me interessante pe-netrar este segredo de um rapaz dotado de tanta candura e poesia. Não vos direi porque meos consegui excitar sua confiança, e como pude fazer que me elle contasse essa historia que do fundo do coração eu desejava saber; elle consul-

tou em voz baixa o criado que parecia servir-lhe de mentor, e disse-me com voz doce e mel-lancolica, emquanto passeavamos a passos lentos pela alameda solitaria.

— Oh! senhor, gosto muito destes lindos pas-saros do campo, por me lembrarem bem caras recordações; gosto delles, não como os outros meninos, para prendel-os em uma gaiola, e pri-val-os do ar e da liberdade de que gozão por vontade de Deus, mas para conservar-lhes a fragil existencia que a ninguem é nociva, e que a todos encanta.

Estas palavras tão simples, e ao mesmo tempo tão avisadas, me admirarão em um menino de sua idade. Lembrei-me porém que a dôr anteci-pa a idade, e sem duvida essa anticipação não faltava ao rapaz. Elle continuou com um sus-piro:

— Eu tinha uma irmã mais moça do que eu um anno, que pensava tambem como eu. Pobre Herminia! Choraria vendo soffrer a borboleta que sorprendia entre as flores! Ella era tão boa, tão tímida! pobre Herminia!

Lancei os olhos para os vestidos pretos do rapaz, e comprehendí porque elle chorava.

— O estio passado, continuou elle depois de um momento de silencio, eu estava no campo com Herminia. Um dia passeavamos na cerca, quando ouvimos o grito rouco de um gavião em uma moita visinha. Herminia teve medo e quiz fugir, mas eu a retive, e chegamo-nos para a moita a fim de enxotar a ruim ave de rapina, que vôu pesadamente com suas azas grandes. Pennas finas e delicadas andavão voando aqui e ali; separamos os ramos de aveleira, e vimos um ninho que o gavião tinha destruido. Os pas-sarinhos havião sido devorados; um só estava ainda vivo no meio dos restos ensanguentados de seus irmãos, e dava gritos de desesperação como chamando-nos em seu soccorro. A mãe tinha morrido talvez defendendo-os: só esse tinha sido poupado. Herminia tomou-o delicadamente nas mãos.

— Pobre passarinho, disse ella, já não tem nem sua mãe, nem seus irmãos, e pôde ser que o máu gavião ainda volte! Se o abañdonarmos morrerá de fome ou será devorado.

— Pois então, disse-lhe eu, guardemol-o; quando elle ficar forte, e quando puder procurar seu sustento dar-lhe-hemos a liberdade.

« Herminia muito satisfeita levou o passari-nho para casa. Fez-lhe um ninho de algodão, e ambos nós tivemos muito cuidado delle.

« O nosso favorito foi crescendo. Em vez de pequena criatura nua e angustiada que havíamos apañado, tivemos um lindo passarinho, vivo e esperto com azas azues, peito amarelo, e uma crista azulada que elle levantava ativo em seus momentos de alegria ou de colera. Andava pelo quarto saltando e chilrando todo o dia, e parecia pedir-nos sua liberdade. Então eu disse a Herminia :

— Nós salvamos a vida a este pobre animal para conserval-o preso.

« Herminia poz-se a chorar ; mas pegou no pas arinho e descemos para o jardim.

« O tempo estava sereno, o Céu puro, o sol brilhava com todo o seu esplendor. As arvores estavam cubertas de fructos, e o jardim cheio de flores. Quando Herminia viu a natureza tão bella, disse, olhando para o passaro que se debatia entre suas mãos :

O ingrato nos esquecerá em breve !

« Cada um de nós deu um beijo no passarinho, e Herminia abriu a mão voltando o rosto.

« O passarinho mimoso fendeu os ares com um vôo rapido e foi pousar em uma arvore visinha. Ah! começou a cantar como para celebrar sua liberdade, e o harmonioso canto da avesinha cortava o coração de Herminia. Ella se havia sentada ao pé da arvore e olhava com tristeza para cima: repentinamente não podendo conter mais sua dôr, estendeu os braços para o passarinho mimoso, chamando : *Bluette! Bluette!* (era o nome que lhe tinha posto).

« *Bluette* a esta voz tão conhecida, desceu da arvore e foi pousar no hombro da sua joven senhora. Oh! como Herminia foi feliz nesse momento! Quantas caricias fez ao passaro que a afagava com seu biquinho amarelo! Minha irmã fallava com sua voz doce e musical, e o passarinho cantava: lagrimas corrião pelas faces de Herminia, e *Bluette* as enxugava com suas azas de seda.

— Tu bem vês, me disse Herminia com orgulho, que *Bluette* não me quer deixar.

« Pobre irmã! mal sabia ella que dizia a verdade !

O rapaz parou de novo, oprimido por todas as suas recordações. Passou a mão pelos olhos e continuou :

« Desde esse momento começou uma amizade ainda mais intima entre Herminia e o Passarinho mimoso. O passaro não a deixava, seguia-a esvoaçando por toda a casa; elle a reconhecia pelo som de sua voz, pelo rumor de seus passos. O nome de *Bluette* pronunciado por Herminia o fazia vir do fundo do Jardim onde ia em liberdade. De manhã era elle quem a acordava; cantando abria os cortinados, pousava em sua cabeceira, e com os bico beijava os rosados labios da menina adormecida. Feliz *Bluette*, que beijava Herminia antes de nossa boa mãe e antes de mim !

« Entretanto passou a bella estação, e foi forçoso voltar para Paris. Minha irmã estava doente e dizião que ella precisava dos soccorros dos melhores medicos. Quando aqui chegámos, ella achou-se peor, e em breve não sahio mais do seu quarto.

« Muitas vezes eu via as criadas dizerem-se umas ás outras palavras tristes; e minha mãe, conversando com minha irmã e comigo voltava o rosto para chorar; mas eu não comprehendia ainda o que era morrer !

« *Bluette* não deixava sua senhora; esta tambem não podia soffrer que o seu Passarinho mimoso estivesse longe de si, e, em sua candura de menina e de doente, contava seus soffrimentos a seu amigo. Quantas vezes vi eu *Bluette* pousado no dedo alvo e delicado de Herminia, escutando com *sympathia* as queixas de minha irmã! Nesses momentos dolorosos, o passaro perdia seu gorgeio, e não haviam caricias nem bater de azas. Estava triste, pensativo, como se sentisse os males cuja narração lhe fazião. Quando Herminia, cansada de conversar, se calava, *Bluette* ia chegando sua cabecinha azul para dar-lhe um beijo de animação, depois dormião ambos dentro dos cortinados de cassa branca!

Um dia deixarão-me só dentro do quarto de minha irmã.

— Adeus, meu irmão, disse-me, sinto que vou morrer... onde está mamãe ?

« Quiz tranquilisal-a, e disse-lhe que mamãe não tardava.

— Abraça-me, tornou-me a dizer.

« Debrucei-me sobre ella para abraçal-a, mas ella tinha cahido sem movimento no traversseiro.

« Estava morta!...

« Dei um grito, e cahi de joelhos junto de seu leito, desmaiado e oprimido.

« Neste momento, o passarinho, que estava pousado perto de minha irmã, vôou e sahio pela janella meia aberta, com gorgeio brando e lastimoso. Julguei ver a alma angelica de minha Herminia subir para o Céu em suas azas azuladas! »

Aqui peguei na mão do mocinho e apertei-a na minha.

« Elle vos dirá quanto soffri, continuou mostrando-me seu fiel guarda. »

Como elle se calasse, perguntei-lhe timidamente para fazer diversão a seus pezares:—E não sabeis que é feito do Passarinho mimoso ?

— Logo que recobrei um pouco de força, pedi que me levassem ao tumulo de Herminia, no cemiterio do *Père Lachaise*. Ajoelhei-me sobre o marmore e orei por minha irmã.

« O canto de um passaro junto de mim attraheu minha attenção. Levantei a cabeça, e vi em um cypreste visinho um passarinho azul. Meu coração pulsou violentamente. Eu chamei: *Bluette! Bluette!* como chamava minha irmã, e *Bluette* veio pousar sobre minha mão.

« Molhei com minhas lagrimas esta innocente criatura; cubri-a de beijos. O passaro calou-se, e um momento depois foi refugiar-se nas corôas de flores de laranja que ornávão a cruz do tumulo, como para dizer-me que pertencia ainda á que jazia debaixo de nossos pés.

« Todas as vezes que ia visitar o cemiterio, via *Bluette* junto da morada de sua senhora. De



Handwritten musical score, first system. Treble and bass clefs. Dynamics: *f*.

Handwritten musical score, second system. Treble and bass clefs. Dynamics: *p*.

Handwritten musical score, third system. Treble and bass clefs. Dynamics: *pp*.

Handwritten musical score, fourth system. Treble and bass clefs. Dynamics: *poco*, *a poco cres*, *cen*, *do*.

Handwritten musical score, fifth system. Treble and bass clefs. Dynamics: *cres*, *cen*, *do*.

Handwritten musical score, sixth system. Treble and bass clefs. Dynamics: *f*. Ends with **FINE.**

GR-12x

dia cantava sobre seu tumulo, á noite dormia nas flores que mãos amigas ali depositavão.

« Ha alguns dias encontrámos *Bluette* morto de frio em seu lugar costumado. Elle não quiz deixar a pobre *Herminia*. »

Durante a narração, havíamos chegado á grade do jardim do lado da ponte de *Austerlitz*. Uma carruagem esperava pelo moço e por seu conductor. No momento de deixar-me, disse-me com um sorriso melancolico :—Já vedes porque gosto de passaros !

E.



LYRA

A VIRGEM MENDICANTE.

O que tens, ó meu anginho,
Porque vives a chorar ?
Sentes frio, ou sede, ou fome,
O teu corpo atormentar ?
Vem, meu anjo, a tua frente
No meu seio reclinar.

Bem te olhei, eras sózinha,
Sózinha teu mal chorando....
Esmolas por caridade,
Tu pedias soluçando !
Tu não sabes, que orgulhoso
Olha o rico, e vai passando ?...

Exhausta, por fim, de forças
Cahiste na lagem fria,
E teu peito angustiado.
Já não rogava e pedia ;
Só de quando, em quando apenas
Por dóres cruéis gemia !

E no entanto o nobre, o rico
Assim te vendo, passava....
Assim, meu anjo, te vendo
N'um estado, que magoava !...
Tu és pobre, e nem ao menos,
Uma esmola elle te dava !...

Mas ah ! que tão pura sempre,
Tu virgem, te conservaste ;
As promessas seductoras,
O meu anjo, despresaste :
Do ETERNO na bondade
Sempre, oh ! sempre confiaste !

Mas findou-se, ó minha virgem,
Virgem bella, virtuosa,
Teu padecer e vergonha ;
Vais ser feliz e ditosa :
Volve o rosto a DEUS, ao Céu,
Donzella minha formosa.

Ouviu Elle astuas preces,
Os teus votos escudou,
Que jamais os virtuosos
O bom DEUS desamparou ;
Constante, tua innocencia
Sempre pura conservou.

Não mais esta vida triste
Hasde, ó anjo percorrer,
Não mais sentirás o pranto
Pelas faces te descer ;
Vais subir ao Céu, meu anjo,
Meu anjo tu vais morrer !...

Não mais sentirás a fome
Tão cruel te atormentar ;
Nem tão pouco ardente sede
Tuas faces abrasar.
Vais no Céu, ó minha virgem,
Entre anginhos descansar.

Innocente aos pés do ETERNO
Donzella, te ajoelhavas,
Bendizias suas obras...
Tu contente a DEUS oravas !
E depois, de fome ou sede
Não gemias, não choravas !

Té que DEUS compadecido
De teu afflicto viver,
Quer a c'róa do martyrio,
O virgem, te conceder ;
E no Céu, que é teu lugar,
Entre anginhos te quer ver.

Não vês essa branca nuvem
Vir descendo de vagar ?...
Tua alma a DEUS entrega,
Qu'ella está quasi a chegar...
Sou, meu anjo, a CARIDADE
Que te vim aqui buscar !...

Não sentes um nevoeiro
Brando e manso te envolver,
Este mundo ingrato, impuro
A teus olhos esconder ?...
Ah ! já vais, por seres pura,
Gratos premios receber.
Vais subir ao Céu, meu anjo,
Meu anjo, tu vais morrer !

C. A. de Sá.



O PROTECTOR.

Romance contemporaneo.

V.

(Continuado.)

Terminados os quinze dias tornou á Leopoldo toda a sua força primitiva. Não restava de seus soffrimentos senão uma ligeira palidez. Mas emquanto recuperava a saude do corpo, come-

cava a perder a do espirito. Sua imaginação inquietada, febril e ardente, não deixava de espeznhar-lhe o coração, de referir-lhe a lembrança de sua intimidade com Celina, das horas encantadoras que elle passára junto dessa moçinha galante. Logo depois elle se recordava muito bem porque perfidia lhe tinha ella pagoseu devotamento e sua confiança. Então, desesperado, furioso, elle lançava gritos de raiva, elle queria sahir, lançar-se á inconsfante, e acabrunhal-a ao peso de exprobrações.

Mas aonde correr? Seguramente Celina tinha envolvido sua sahida no mysterio. Achal-a era cousa impossivel.

— E, sem duvida agora, pensava elle sem ser profundamente humilhado, sem duvida o marquez estará com ella; ella o escuta como me ouvia, e ter-me-ha precisamente esquecido....

Para que pois apresentar-me a seus olhos?

Para ser objecto de seus motejos? Não, minha vingança estará mesmo na inconstancia de Celina. Um dia por ventura o orgulhoso Alberto sentirá por sua vez o desprezo cruel do abandono!

Enquanto o mancebo discorria neste abysmo de incertezas, entregarão-lhe uma carta de seu pai.

O general não lhe dirigiu observação alguma sobre sua insistencia em ficar em Paris. Sômente annunciava-lhe um feliz acontecimento de familia; o consorcio proximo de sua prima Lucy.

« Tu trataste tua prima, disse elle, como uma menina sem consequencia; não te quizeste submeter ao meu mais caro voto, que era de unir-vos á ella. E' verdade que Lucy, com sua simplicidade, sua franqueza, não era a teus olhos senão uma companheira, privada de graça e de brilho. Liberdade plena, meu filho. Mas um outro foi menos difficil que tu. E' um homem muito distincto, rico, titular, e que recentemente comprou não longe de nossa casa o castello de *Septuil*. Apenas conheceu Lucy, experimentou por ella a maior sympathia. Não fez opposição alguma; concedi-lhe a mão de nossa querida orphã. Terça feira 19 deste mez, assigna-se o contracto; terça feira minha cara Lucy será a marquez de Richemont. Digo-te por esta, que conto, e que todos nós contamos com tua presença para este dia solemne.»

O raio cahiu sobre Leopoldo! Elle não teria podido ficar mais impressionado. Não quiz acreditar mais em seus olhos. Entretanto era a letra de seu pai, d'um homem que nunca gracejava. Como conformar este casamento com a aventura

de Celina, e a presença do marquez em... não sei que *Eaux* e no castello do *Hautfort*? Em um outro seculo, Leopoldo teria podido fazer um sortilegio; mas na presente época havia menos abusos, e em tudo isto elle não viu, e não quiz ver, senão uma nova combinação do damnado marquez para fazel-o enraivecer. Este homem se tinha tornado seu perseguidor! O resentimento que Leopoldo experimentou tornou-se em odio, em terror. E contra seus principios, sua opinião a respeito de Lucy se modificou repentinamente. Até então era elle indifferente para com sua prima. Habituaado a qualidades perfeitas, do amavel character de Lucy apenas delle se lembrava. Mas eis que este thesouro, que elle desconhecia o preço, se lhe revelou tal qual era, isto é, immenso; porque elle ia-lhe ser roubado, tornou-se-lhe caro, e esta imagem quasi apagada tornou a collocar-se em seu espirito com um brilho tal como ella nunca tivera! Então elle lembrou-se dos brincos da infancia, das doces horas de reereio, da innocente intimidade, de mil circumstancias, que todas tihão mais encanto umas que outras. Elle ehorava, gemia, injuriava-se, accusava sua inepecia, sua ingratição, e não cuidava mais que em ir morrer aos pés de Lucy implorando seu perdão. Mas, se ao menos elle se podesse vingar deste Alberto! Oh! sim, elle acudirá ao chamado, mas será para protestar contra seu inimigo.

E todo tremulo de colera, todo cheio de seu amor novo e antigo, elle activou seus preparativos de partida

VI.

Se quereis compôr em alguns traços uma deliciosa paisagem, figurai um destes velhos parques muito raros hoje, mas que tem podido sobreviver a tantas causas de destruição, offerecendo á vista uma magestade que os seculos tem tornado mais impotente ainda. Imitai á amplidão de perspectivas formadas por alamedas de carvalhos, de tulipas e d'acacias, o aspecto risonho de uma verde e vasta relva que se estende como um tapete na frente de um castello, construido á italiana, e vai terminar em um canal de sinuosidades caprichosas. Tal era a propriedade que habitava em 1845 o velho general de Hautefort com sua sobrinha e um numeroso sequito de criados.

Ao nivel do chão se abria um espaçoso salão

de estylo severo, ao qual ia-se ter por uma escada de cinco degrãos de pedra. Era lá que algumas pessoas se achavam reunidas para a assignatura do contracto. Conversava-se em voz baixa, com uma sorte de mysterio e de preocupação. Alguem era esperado.

O general deu um grito de alegria. Leopoldo acabava de apparecer na porta da sala. Todos se collocarão em torno do mancebo, que não recebeu de seu bom pai se não beijos em vez de reprehensões; todos lhe testemunhãrão a mais cordial satisfação.

Entretanto Leopoldo estava pallido, abatido, coberto de poeira. Seu vestuario de viagem contrastava com o *toilette* esmerado de todos os assistentes.

O mancebo se approximou de sua prima. Lucy se tinha levantado, impressionada interiormente, mas calma apparentemente, e deixando ver sobre seus labios o mais amavel, o mais gracioso sorriso. Elles trocãrão algumas palavras, e Leopoldo sentiu-se tocado da benevolencia com que Lucy acolheu o filho prodigo:

— Que thesouro perco!... pensou elle, e por culpa minha ainda!...

Um instante depois annunciou-se:

— O Sr. marquez de Richemont.

Um fogo activo subiu ás faces de Leopoldo, uma vertigem apoderou-se de seu coração.

Entre elle e o marquez houve uma insignificante saudação.

— Pois que! diz o general, conheceis-vos por acaso?!

— Certamente, respondeu Alberto, tenho encontrado muitas vezes o senhor vosso filho em casa....

— E' inutil, exclamou Leopoldo, não temos necessidade de referir aqui....

— Senhor, diz o general ao notario, presentemente estamos todos reunidos; quereis ter a bondade de preparar vossos papeis?

Leopoldo tinha por um signal imperceptivel chamado o marquez um pouco para longe, e lhe disse rapidamente e em voz baixa:

— Assim, vós me perseguis por toda a parte?

— Eu! replicou Alberto com um sorriso, que erro, meu caro!

— Sempre sarcasmos! Não me tendes escarnecido junto de certa pessoa?..

— Absolutamente não. É á essa pessoa que tenho perfeitamente escarnecido. ~~Ela~~ esperou-me debaixo do olmeiro—para conduzil-a a Eaux.

— Que dizeis! Mas este duello?

— Eu não o procurei; e se vos feri, convinde que vos poderia matar.

— Mas minha prima?

— Vós não a querieis; vosso pai me disse.

— Vós conheceis meu pai?

— Fui seu hospede durante tres mezes.

— E' possível?!

O marquez deixou Leopoldo sob o peso desta descoberta, e se approximou do circulo.

Neste momento o notario começava a ler a escriptura do contracto.

Leopoldo estava mais morto que vivo.

De repente elle deu um grito de alegria! Não era o nome do marquez, era o seu que acabava de ser pronunciado!

Tudo estava revelado.

— Pois então! perguntou M. de Richemont, ainda serei eu vosso inimigo, vosso perseguidor?

Leopoldo apertou a mão do marquez com effusão de prazer, e respondeu:

— Vós fostes meu bom anjo, meu protector, meu amparo!

Tradução.

Lia-mos no *Diario do Rio* o seguinte artigo, que vamos transcrever, quando nos recordámos do desgraçado facto occorrido ha dias na pessoa de uma criada branca, ama de leite, que foi morrer damnada ao hospital da Misericordia, por lhe haver mordido um gato no calcanhar.

Muito contristou-nos este facto, e muito lamentámos a falta de recursos energicos e evidentes contra a hydrophobia; mas o *Diario do Rio*, sempre solícito e incançavel no beneficio publico, veio trazer-nos um artigo, traduzido do *Journal des Connaissances Utiles*, que pelo menos nos indica um meio de atalharmos essa terrivel molestia: nós lhe agradecemos este acto de humanidade.

HYGIENE PUBLICA.

A HYDROPHOBIA,

Methodo de tratar do Dr. Buisson ()*

Quando qualquer pessoa tem sido mordida por um cão damnado, deve-se fazel-a tomar sete

(*) Não fazemos mais do que lembrar um artigo já publicado, na época da estação em que a inserção opportuna pôde tornar-se util, o que deve pôr no tratamento indicado pelo Dr. Buisson toda a confiança; pois que elle proprio esteve hydrophobo e curou-se por este meio. Eis os factos: ~~taes~~ como elle os deu á academia das sciencias.

banhos de vapor, (um por dia) chamados russia-
nos, de 40 a 50 grãos; fazel-a suar por espaço
de 40 dias, de noite sómente, envolvendo-a
núa em cubertores de lã e cobriado-a com col-
ções de pennas para facilitar a transpiração,
dar-lhe á beber com frequencia cozimento de
salsaparrilha quente com vinho depois da comi-
da; e obriga-a a fazer muito exercicio; nenhum
regimen é necessario quanto ao alimento. Este
é o remedio para prevenir o mal. Quando a mo-
lestia está declarada, não é preciso senão um
banho de vapor, elevado rapidamente á 30 grãos
do thermometro de Reaumur, depois lentamente
á 50: o doente deve conservar-se bem fechado
em um quarto, até que esteja completamente
curado.

Chamarão-o para tratar de uma hydrophoba,
que se achava na crise final da doença. Elle a
sangrou e limpou as mãos com o lenço impre-
gnado com a saliva da moribunda. Em um dos
dedos da mão esquerda tinha elle uma ferida, e
reconheceu logo a sua imprudencia; porém con-
fiando no processo que acabava de descobrir,
contentou-se em lavar-se com agua; e julgando,
diz Dr. Buisson, que a doença não se declarasse
senão no 4.º dia, e tendo de visitar a muitos doen-
tes, deferi de dia em dia o tomar o meu remedio,
isto é, os banhos de vapor; no 9.º dia, estando
no meu cabriolet, senti de repente uma dôr na
garganta, e uma ainda maior nos olhos, o meu
corpo parecia-me tão leve que, julgava que sal-
tando poderia elevar-me a uma altura prodigiosa,
ou, que atirando-me d'uma janella poderia
me sustentar no ar; meus cabellos estavam
tão sensiveis que, sem vel-os poderia contal-
os; estava com a boca cheia de saliva, a im-
pressão do ar causava-me um ferrivel mal, evi-
tava olhar para os corpos brilhantes, tinha
uma continua vontade de correr e de morder,
não os homens, porém os animaes e tudo o que
me cercava. Bebia com difficuldade, e observei
que a vista d'agua me encommodava mais que
a dôr da garganta; julgue fechando os olhos
um hydrophobo pôde sempre beber. Os accessos
davão-me de cinco em cinco minutos, e sentia
então a dôr partir do dedo ferido e propagar-se
pelos nervos até os hombros.

Pensando que o meu remedio era preservativo
e não curativo, tomei um banho de vapor, não
com a intenção de curar-me, mas para suffocar-

me. Quando o banho chegou ao grão de 42º to-
dos os symptomas desappareceram como por en-
canto, depois nada mais senti. Tratei a mais de
oitenta pessoas mordidas por animaes damnados;
todas ficarão curadas com o meu remedio.

O Dr. Buisson cita depois muitos factos cu-
riosos. Um americano tinha sido mordido por
uma jararaca, distante oito leguas de sua habita-
ção, querendo morrer no seio de sua familia,
corre para casa, deita-se, sua mulher, e a ferida
sára como uma ferida simples.

Cura-se a mordedella da *Tarantula* (especie de
aranha caranguegeira) com a dança: o suor dis-
sipa o virus.

Se se vaccina uma criança e a fazem tomar um
banho de vapor, a vaccina não pega.

Journal de Connaissances Utiles.

BAZAR FLUMINENSE.

Não poderíamos deixar passar desapercibido
um estabelecimento com este titulo, sem levar-
mos sua noticia ao conhecimento das nossas As-
signantes. Ha muito resentia-se o paiz da falta
de um Bazar, de um destes estabelecimentos
aceiados, onde o pobre e o rico pudessem encon-
trar os objectos de que carecessem, por preços
commodos e fixos. Eil-o que se instalou em uma
bella e vastissima casa na rua da Quitanda n.º
48, montado sob as melhores disposições com-
merciaes e fornecido de todas as fazendas, obje-
ctos de luxo, vidros, cristaes, porcelanas, mo-
veis, adornos de sala, e tudo em fim que pôde
ser vendivel por pouco preço, e por tanto, de
grande utilidade a todos em geral.

Louvamos o empenho do seu digno propieta-
rio, e lhe desejamos toda a prosperidade que
merece um tal estabelecimento.

Com este n.º 41 publicou-se a ultima pagina
da Schottisch composta pelo Sr. Stokmeyer
Junior.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma
peça de musica.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87
na do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS e SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por seis mezes 6U000 rs. na Côrte, 7U000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.